

difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • maio/2007 • página 1

MENOS ASSISTENCIALISMO, MAIS PEDAGOGIA



Moysés Kuhlmann: carências da educação infantil vão desde instalações à formação dos professores.

difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • maio/2007 • página 2

Ao lado das concepções do trabalho pedagógico para a infância, é preciso ter em mente que as instituições voltadas para a educação infantil surgem como exigência imposta pela sociedade. É o que nos lembra Moysés Kuhlmann Júnior, historiador da educação infantil do Brasil, que atua como pesquisador da Fundação Carlos Chagas e docente da Universidade São Francisco, em São Paulo, que defende a tese de que, políticas de inclusão e assistencialismo à parte, a educação infantil carece de um olhar pedagógico.

O principal eixo de suas pesquisas é no campo da pesquisa história da infância, sobretudo em torno do desenvolvimento da educação infantil. Atualmente Moysés trabalha em um projeto de cooperação internacional, em parceria com Portugal. Em entrevista à Folha Dirigida, Kuhlmann fala das dificuldades na educação infantil, enfrentadas principalmente pelas crianças das classes sociais menos favorecidas.

O pesquisador aponta os problemas e sugere soluções nem sempre fáceis, como por exemplo uma escola em período integral. “É claro que, como governante, é praticamente impossível, mas como pesquisador eu fico à vontade para falar. Nós precisaríamos ter no Brasil uma escola de tempo integral para todas as crianças. Nós vemos isso em filmes de países europeus, nos Estados Unidos... As crianças vão para as escolas, passam o dia inteiro, almoçam, têm suas atividades. Isso é que iria promover de fato um grande crescimento no nível educacional da educação brasileira”, afirma. Leia a entrevista com Moysés Kuhlmann.

FOLHA DIRIGIDA – Como o senhor avalia o ensino de base em São Paulo atualmente, em específico para a educação infantil e ensino fundamental? O que pode ser melhorado?

MOYSÉS KUHLMANN – A educação infantil tem muitas necessidades. Se o ensino fundamental já tem uma série de problemas, a educação infantil fica ainda mais carente. Isso por conta de que muitas das necessidades do ensino fundamental, que são prioritários, ainda não foram sanadas, sobrando para a educação infantil um ônus menor com relação a distribuição



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • maio/2007 • página 3

de recursos. As condições das instituições de ensino do ponto de vista físico, da valorização de recursos humanos são problemáticas. É claro que a gente não pode deixar de reconhecer que, de 20 anos para cá, muita coisa melhorou. Eu observo através de palestras como o público das educadoras melhorou. A qualidade do debate cresceu em relação há alguns anos. Boa parte das palestras que realizo são no campo de história, que exige certa complexidade. Mesmo assim a recepção por parte do público tem sido mais qualificada. Nesse sentido é possível perceber que o corpo profissional das instituições já conseguiu avançar em relação a carência que havia anteriormente. Mas há muito o que se fazer. Também tenho percebido que, com a demanda grande, uma pressão muito forte está fazendo com que políticos da educação infantil queiram buscar soluções emergenciais que, no entanto, são de baixa qualidade.

FOLHA DIRIGIDA – Que tipo de solução o senhor considera de baixa qualidade?

MOYSÉS KUHLMANN – Uma idéia que está circulando novamente é que cabe passar recursos às mães para que elas não tenham necessidade de matricular seus filhos nas creches. O que é uma proposta interessante do ponto de vista das políticas sociais, mas não pode ser tratada do ponto de vista do sistema educacional. A educação da criança pequena exige qualificações, materiais e condições de trabalho que não têm como serem diminuídas, sem que isso afete a qualidade de educação e prejudique a criança. Por vezes os governantes se assustam como são necessários recursos para que seja feita essa educação infantil e acabam sendo seduzidos por estas políticas, que são muitas vezes financiadas por organismos internacionais. É uma forma de desconsideração com as nossas crianças.

FOLHA DIRIGIDA – A Educação Infantil no Brasil sempre foi delegada a um segundo plano, não sendo considerada obrigação do Estado. O senhor considera possível fazer um paralelo entre esta postura do Estado e os grandes índices de violência, principalmente entre os menores de idade?

MOYSÉS KUHLMANN – É possível fazer essa relação. De alguma maneira ela existe. Mas acho que este discurso ‘a creche para o menino não ser um bandido’, numa relação muito direta, acaba reforçando a idéia de creche como se fosse um internato. Um sentido de que se retirarem as crianças da rua fosse resolver os problemas da sociedade brasileira, que são muito maiores e que não cabem somente à educação resolver. Os problemas de segurança estão ligados ao tráfico de armas. Quer dizer, seria muito melhor se houvesse uma discussão profunda



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • maio/2007 • página 4

e iniciativas concretas relacionadas ao tráfico de armas do que pensar que a educação infantil por si só fosse resolver isso. Acho que a violência é um problema secundário que a falta da educação de um país provoca. A população pobre está sendo vítima da falta de políticas sociais que garantam condições de vida necessárias. É aí que entra a educação, como uma instituição social que faz parte dessa necessidade de nível universal, como direito de todos.

FOLHA DIRIGIDA – A violência nas escolas é uma preocupação crescente em todo o país. Como o senhor acredita que poderia ser combatido esse problema? A participação da comunidade e das famílias no cotidiano das escolas é uma saída possível?

MOYSÉS KUHLMANN – A questão da violência nas escolas está ligada ao nível de violência nas ruas, que aumentou e acabou entrando na instituição escolar. Acho que a participação da comunidade na escola é um elemento fundamental para dissolver esses conflitos. A instituição educacional precisa se mostrar como uma parceira dessa população, não apenas do pobre, mas da população em geral. Falando das escolas públicas, acho que a abertura das escolas para a sociedade é uma das medidas importantes para criar um ambiente com maior solidariedade entre os que freqüentam a instituição. Acho que o apoio aos professores também é importante. As escolas precisam ter condições para atender toda essa população.

FOLHA DIRIGIDA – Historicamente, o Ensino Infantil no Brasil tem apresentado uma característica extremamente assistencialista, através, por exemplo, das creches para filhos de operários. O que mudou desde então? Até que ponto a Educação Infantil hoje se tornou efetivamente mais pedagógica e conteudista?

MOYSÉS KUHLMANN – O assistencialismo das instituições da educação infantil é uma concepção educacional, é uma proposta de uma pedagogia. Eu chamo de pedagogia da submissão, pois é uma pedagogia que justamente foi concebida nessa virada do século XIX, início do século XX, no sentido que diz que o pobre não precisa de muita coisa. Para ele basta uma educação barata. Inclusive, se ele tiver uma educação de melhor qualidade isso poderia apresentar uma ameaça. Encontra-se em discursos do início do século XX afirmações claras, que duram muito tempo. E, ainda hoje, podemos ver de uma maneira mais sofisticada: se oferecer algo muito luxuoso essa pessoa vai querer mais do que pode ter. Poderia se tornar uma ameaça, poderia querer se tornar um bandido para poder conseguir aquilo que não pode possuir. Então, oferece-se uma educação de baixa qualidade. Acho que, ao mesmo tempo, a questão de



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • maio/2007 • página 5

conteúdo também existia desde o início do século XX. Aí também há problemas no sentido de que, muitas vezes, ao longo dessa história, se quis trazer para a educação infantil uma forma de agir que copiasse o trabalho da escola do ensino fundamental. Aí, a criança pequena acaba sofrendo por ter que ser submetida às disciplinas, a níveis de concentração para os quais ela ainda não está preparada ou pronta.

FOLHA DIRIGIDA – Ao mesmo tempo que a Educação Infantil no Brasil sempre se caracterizou pelo assistencialismo, em São Paulo, o jardim da infância da escola Caetano de Campos, embora pública, era freqüentada pela elite no início do século XX. O senhor acredita ser possível fazer um paralelo entre esta situação e o atual ensino público superior, onde as faculdades do governo são essencialmente freqüentadas pelas elites cultural e econômica?

MOYSÉS KUHLMANN – É interessante que, naquela época, as pessoas das elites acreditavam na escola pública. Se a gente pode de um lado dizer que a elite ocupou as vagas, foi privilegiada na escola Caetano de Campos que era uma boa escola pública, por outro lado, essa escola pública tinha crédito, tinha valor. É fundamental que esse valor seja mantido. O fato de haver uma maioria da elite que freqüenta as escolas públicas superiores acaba por ser uma consequência dos problemas sociais do país. Acaba sendo um reflexo. É necessário melhorar a formação dos jovens brasileiros para que eles possam ter melhores condições de disputar as vagas no ensino superior público. Também o ensino superior público viveu um enorme represamento de sua expansão. Então, ao longo de todos os anos da ditadura militar e, mesmo depois, a falta de investimentos nessa área permitiu que a demanda das vagas fosse suprida pelas instituições particulares. Acho que políticas afirmativas desenvolvidas atualmente podem ser uma medida interessante para que aumente o público de pessoas vindas de setores sociais mais desfavorecidos. Por outro lado, tenho certo receio com a proposta de transformar o ensino superior em escola paga, pois acho que isso acabaria elitizando mais ainda o ensino. Além do que, haveria a necessidade de criar toda uma estrutura burocrática para administrar quem paga o quê e quanto. Isso acabaria causando uma despesa maior que o benefício.

FOLHA DIRIGIDA – A formação dos educadores é um dos pontos que mais têm sofrido alterações nos últimos tempos. Como o senhor vê as novas exigências legais como a formação superior para professores?

difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • maio/2007 • página 6

MOYSÉS KUHLMANN – Tem sido uma tendência, mesmo no âmbito da educação infantil. Embora seja uma discussão recente, já se observava, principalmente no Estado de São Paulo, no final da década de 80, quando muitos profissionais da área espontaneamente buscavam a formação superior. Na época, das educadoras das creches municipais, era exigida a 4ª série do ensino fundamental. No entanto, essas educadoras concluíram o ensino fundamental, fizeram o ensino médio e buscaram a formação superior. O nível de complexidade de nossa sociedade acabou por colocar essa necessidade da formação mais extensa. Eu compartilho dessas posições que já eram defendidas na década de 60 e que acabaram sendo apagadas por conta das políticas das instituições de baixo custo, de baixa qualidade, que inverteram as idéias. Diziam que bastava uma mãe voluntária trabalhar com as crianças. Mas isso desvaloriza o trabalho do profissional. Essa relação de uma educadora com as crianças é diferente da relação de uma mãe com seus filhos. É um outro tipo de relação que se faz, e na questão do trabalho profissional é importante que essa educadora tenha formação nas diversas áreas para poder desenvolver seu trabalho de maneira adequada.

FOLHA DIRIGIDA – Qual sua expectativa para a educação brasileira nos próximos anos? Quais são os grandes desafios a serem enfrentados?

MOYSÉS KUHLMANN – Eu acho que a questão do ensino fundamental precisa ser tratada com maior cuidado. Às vezes, os governantes fazem muita festa, se regozijam porque a maioria, quase totalidade das crianças de sete anos, está no ensino fundamental. Mas, a questão é que isso é muito pouco. Eu acho que não é bom o governo ficar feliz com um resultado muito pequeno. Nós temos muitas demandas no país e o importante é que essas crianças que, aos sete anos, ingressam na primeira série do ensino fundamental, aos 14 estejam saindo da oitava série conhecendo aquilo que se espera que o ensino fundamental proporcione. Então, precisamos de uma proposta radical. É claro que como governante é praticamente impossível. Mas como pesquisador eu fico a vontade para falar: nós precisaríamos ter no Brasil uma escola de tempo integral para todas as crianças. Nós vemos isso em filmes de países europeus, nos Estados Unidos... As crianças vão para as escolas, passam o dia inteiro, almoçam, têm suas atividades. Isso promoveria de fato um grande crescimento no nível educacional da educação brasileira. Acho que poderia se tornar uma meta. Esses são parâmetros para as pessoas pensarem as políticas a partir daquilo que pode ser feito atualmente. No caso da educação infantil, as questões são muito mais complexas, pois o atendimento com relação a demanda é muito inferior. Não digo isso no

difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • maio/2007 • página 7

caso das crianças de cinco e seis anos de idade que, na sua grande maioria, atualmente estão freqüentando as instituições educacionais, no caso do estado de São Paulo.

FOLHA DIRIGIDA – Qual sua opinião sobre o projeto de ampliar em um ano o ensino fundamental?

MOYSÉS KUHLMANN – Eu acho bom tudo que faça a criança ficar mais tempo nas escolas. Tem havido grandes discussões com relação as propostas pedagógicas, das concepções de currículos e até mesmo com relação a formação dos professores. Uma coisa que é interessante na Lei de Diretrizes e Bases é a idéia da autonomia das instituições. Com relação ao que ocorreria anos atrás, essa autonomia das instituições no que diz respeito à formação é o que vai permitir que elas possam elaborar seus projetos pedagógicos e, articuladas com diretrizes curriculares de nível geral, vão poder reverter na melhoria da qualidade das instituições. No nosso papel de pesquisa, das pessoas da área, ficamos com essa polaridade. Fazemos as críticas e, ao mesmo tempo, procuramos encontrar resultados positivos. Acho que no caso da educação infantil, as discussões têm se dado muito mais no interior da área da educação. Mas a sociedade ainda não tem muita clareza do seu valor, da sua importância. Ainda falta um diálogo maior da área da educação infantil com a população para valorizar mais o ensino.

FOLHA DIRIGIDA – Qual a sua opinião sobre a política de municipalização desenvolvida pela Secretaria Estadual de Educação?

MOYSÉS KUHLMANN – Não tenho dados para análise, mas de forma geral posso dizer que há municípios, como a cidade de São Paulo que têm milhões e milhões de habitantes e há municípios com uns poucos milhares de habitantes. Não se pode falar em municipalização colocando esses municípios lado a lado, como se fossem a mesma coisa. É necessário também combinar propostas municipais com propostas de articulação regional. O que ocorre, às vezes, é que parece ser algo importante e necessário.

FOLHA DIRIGIDA – Que balanço o senhor faz do programa de progressão continuada no Estado?

MOYSÉS KUHLMANN – A idéia é boa, desde que sejam seguidas as filosofias que inspiraram a proposta. O acompanhamento do aluno deve ocorrer durante todo o ano de uma maneira que a necessidade de repor o conhecimento que a criança tem maior dificuldade ocor-

difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • maio/2007 • página 8

ra em paralelo com a sua formação. São necessários profissionais na escola que possam se dedicar a esse trabalho com as crianças que não estão conseguindo ter o desenvolvimento esperado. A criança que não consegue ter o rendimento desejado precisa ter um apoio ao longo de todo o ano letivo. Aí ao fim do ano, quando mudar de série, ela deve continuar a ser acompanhada. Não pode criar situações que, por vezes, ouvimos falar da promoção automática. Não pode existir a situação de que não se ensina a criança, que não há compromisso com o conhecimento, que ao longo do processo educacional a criança vai sendo promovida de série em série e chega à 5ª ou 6ª série não sabendo ainda ler e escrever.

FOLHA DIRIGIDA – Como o senhor avalia esses primeiros seis meses da gestão do ministro Cristovam Buarque?

MOYSÉS KUHLMANN – Saiu recentemente um plano de metas que aponta algumas idéias interessantes. Mas há algumas frases com problemas de retórica que acabam sendo muito fortes e me preocupam. O texto desse documento tem uma epígrafe falando que agora seria resolvido o problema da escravidão brasileira, que são resquícios da nossa história. Nós vemos isso claro na nossa população. Mas isso acaba soando um pouco romântico, no sentido de ‘e aí como é a questão da educação’. Está se falando de uma coisa muito mais ampla do que aquilo que cabe à educação. Ao mesmo tempo, nesse documento estão expostas idéias muito interessantes no sentido de qualificar os processos educacionais no país. Com relação a educação infantil, acredito que o principal problema discutido com o ministro foi a proposta de uma verba que seria destinada a mães que não conseguem ter seus filhos matriculados em uma instituição de ensino infantil. A idéia da verba não é ruim, mas entendo que isso caberia à Secretaria da Assistência Social e não ao Ministério da Educação. O MEC deve estar voltado para o desenvolvimento dos sistemas educacionais. Há muitos aspectos promissores. Por outro lado, ficam essas preocupações com a efetividade da política, com essa ansiedade em querer obter um resultado mais imediato. Não é possível obter resultados imediatos em políticas educacionais. Tem que se pensar a médio e longo prazo. ✕

Entrevista concedida à FOLHA DIRIGIDA,
em julho de 2003, à Jussara Santos.